

Article

Erva-Mate e a Conservação dos Ervais Nativos na Argentina

Marcos Gerhardt ¹ 

¹ Doutor em História; Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; ORCID: 0000-0003-1457-7321; E-mail: marcos@gerhardt.pro.br

RESUMO

Aborda a história das sociedades humanas que, no território argentino, se dedicaram à extração, ao beneficiamento e ao comércio da erva-mate (*Ilex paraguariensis*, St. Hilaire) ou foram consumidores do produto durante a segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Aborda, ainda, os esforços para a conservação dos ervais nativos, que eram parte da floresta e a rápida transformação dessa paisagem em áreas desmatadas designadas aos cultivos agrícolas e ao plantio de ervais. Emprega a abordagem da História Ambiental e utiliza variadas fontes de pesquisa, com destaque para os documentos oficiais, publicações na imprensa periódica e a produção bibliográfica da época. Conclui que a legislação de proteção aos ervais nativos e as políticas públicas foram insuficientes para a sua conservação, prevalecendo os interesses econômicos que levaram à drástica redução dos ervais silvestres no período estudado.

Palavras-chave: *Ilex paraguariensis*; extrativismo; conservação.

ABSTRACT

Abstract: It addresses the history of human societies that, in the Argentine territory, were dedicated to the extraction, processing and trade of yerba mate (*Ilex paraguariensis*, St. Hilaire) or were consumers of the product during the second half of the 19th century and the first decades of the 20th century. It also addresses efforts to conserve native yerbales that were part of the forest and the rapid transformation of this landscape into deforested areas designated for agricultural crops and the planting of yerbales. It employs the Environmental History approach and uses various research sources, with emphasis on official documents, publications in the periodical press and the bibliographic production of the time. It concludes that the legislation to protect native yerbales and public policies were insufficient for their conservation, prevailing the economic interests that led to the drastic reduction of wild yerbales in the period studied.

Keywords: *Ilex paraguariensis*; extractivism; conservation.



Submissão: 02/05/2022



Aceite: 03/08/2022



Publicação: 30/09/2022



1. Introdução

O artigo narra e discute a trajetória de exploração da erva-mate e de conservação dos ervais nativos no norte da Argentina, desde meados do século XIX até a década de 1930. O mate, conhecido como mate-chimarrão, originado do termo espanhol *cimarrón* e simplificado para chimarrão no Brasil, é uma bebida estimulante preparada por infusão em água quente, das folhas e ramos secos e triturados da árvore *Ilex paraguariensis* (St. Hilaire). A bebida teve origem indígena no sul da América, adquiriu importância econômica e cultural nas reduções jesuítas instaladas na bacia hidrográfica do rio da Prata a partir do século XVII e continua sendo muito consumida, atualmente, em particular no sul do Brasil, no Paraguai, na Argentina, no Uruguai e alcança, ainda, o Chile e a Bolívia. Regionalmente, o consumo do mate assume outras formas como o tereré (bebida fria) e o chá (*mate cocido*).

No período recortado para a pesquisa, a produção da erva-mate, isto é, do produto beneficiado, embalado e comercializado para o preparo da bebida, ocorria a partir da extração de ramos e folhas verdes da planta em ervais nativos, também denominados ervais silvestres, cuja ocorrência era endêmica no sul da América. A experiência de interação de diversas sociedades humanas com a Floresta Ombrófila Mista e com a Floresta Estacional Decidual, ambas formações do Bioma Mata Atlântica, foi marcada pela presença da *Ilex paraguariensis* concentrada em áreas florestais conhecidas como ervais. Esses integravam principalmente as florestas que correspondem, hoje, ao sul do Brasil, ao norte da Argentina e a parte do Paraguai, estendendo-se para o atual estado brasileiro do Mato Grosso do Sul.

A importância econômica e sociocultural da erva-mate no sul da América é conhecida tanto nos territórios que a extraíram e beneficiaram quanto naqueles que, não tendo a planta em suas florestas, tornaram-se consumidores do produto durante o século XIX, como é o caso do Uruguai. Portanto, além incrementar a receita municipal das regiões produtoras, o mate tornou-se uma referência cultural e identitária, pois seu consumo era, na maioria das vezes, feito em grupo, familiar ou com alguma afinidade, como parte das práticas de sociabilidade.

O artigo, ao pautar a exploração e a conservação dos ervais argentinos, emprega a abordagem e os conceitos da História Ambiental, pois compreende que a interação humana com os ambientes florestais é objeto deste campo ou tema da historiografia. Nesse sentido, o artigo traz uma história das sociedades humanas que interagiram com a floresta ou consumiram o produto desse extrativismo vegetal. Ele atenta ainda para as profundas mudanças que aconteceram nas décadas finais do século XIX e decênios iniciais do XX, quando parte das florestas do norte argentino foi removidas para a implantação de cultivos agrícolas, inclusive da árvore da erva-mate.

2. A Localização dos Ervais Argentinos

A província de Misiones (Figura 1) concentrava os principais ervais nativos da Argentina. Ela corresponde a um espaço delimitado por três grandes rios: o Paraná, o Iguazu e o Uruguai. O mapa reproduzido na Figura 2, com adaptações, situa aqueles ervais em relação às divisas atuais da província, pois o território de Misiones pertenceu, temporariamente, à província de Corrientes (1830-1840) e ao Paraguai (1840-1865), voltando à autonomia em 1881. A configuração atual do território de Misiones também resultou da disputa entre Brasil e Argentina, decidida no final do século XIX e conhecida como a Questão de Palmas.

Conforme Alejo Peyret, um francês domiciliado na Argentina, o erval de Campo Grande, próximo à municipalidade de San Ignacio, era considerado velho ou muito explorado no final do século XIX. O Yermal Nuevo estava situado ao leste do primeiro, na direção do rio Uruguai e próximo do erval de Caraguapé. A nordeste estavam situados os ervais de Paranaí, Pirai, Aguarai, Pirai-Puytyn e Tayicuá. Os ervais de San Pedro, ainda mais a nordeste, coexistiam com o pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) em extensa área, enquanto



os ervais de Itaguaimi, não representados na Figura 2, ficavam junto à costa do rio Iguazu (Peyret 1881). O botânico especializado em fungos Carlos Spegazzini, um ítalo-argentino, registrou que os ervais de Misiones estavam, na década de 1910, divididos em regiões: de ervais velhos, de ervais novos e os de San Pedro, que coincidem com a descrição de Peyret, acrescidos dos ervais de San Antonio, localizados no extremo nordeste da província e pouco explorados até então (Spegazzini 1914). De modo geral, a erveira, a árvore *Ilex paraguariensis*, era encontrada sempre nas proximidades de arroios e em terrenos bem irrigados (Peyret 1881).



Figura 1. A província de Misiones no território argentino. Fonte: Elaborado pelo autor.

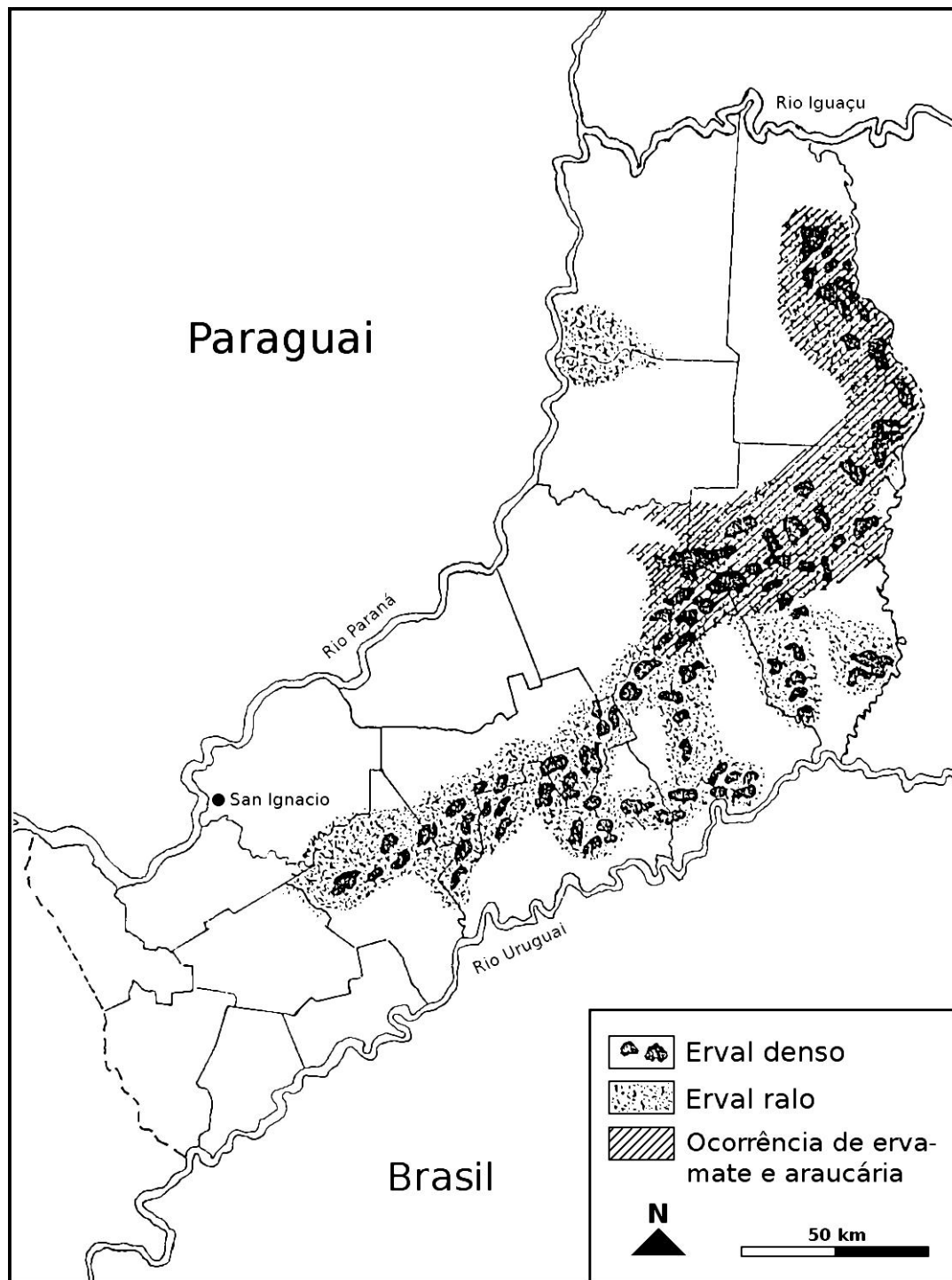


Figura 2. Ervais em Misiones. Fonte: Distribución de yerbales naturales en la actual provincia de Misiones, Argentina. sl., sn. Archivo Administrativo Histórico Municipal de Posadas (AAHMP).

Os ervais prosseguiram além de Misiones, se estendendo para leste no atual território brasileiro e para oeste em terras do Paraguai, formando uma região ervateira a partir de um recorte fitogeográfico e cultural, isto é, uma região recortada pela combinação de critérios ambientais e sociais, um espaço onde diversas sociedades interagiram com as florestas e os ervais (Gerhardt, 2013). Conforme a historiadora Eunice Sueli Nodari:

A História Ambiental permite ousar e ultrapassar fronteiras que, afinal, são fluídas e construídas cultural e politicamente pelos humanos. Os temas da História Ambiental, frequentemente, desafiam uma delimitação espacial mais tradicional, baseada nas fronteiras nacionais fazendo com que o historiador ambiental supere também as fronteiras políticas (2015, p. 300-301).



3. A Exploração dos Ervais

A extração e a primeira secagem das folhas e ramos da planta aconteciam no ambiente florestal. O beneficiamento inicial do produto era feito, geralmente, nos engenhos de erva, que finalizavam a secagem, trituravam grosseiramente o material e o embalavam para o transporte, pelos rios ou por ferrovia, até os locais de beneficiamento final, comércio e consumo situados na capital, Buenos Aires. No Pampa argentino, ambiente de campos utilizado para a pecuária, vivia outra parte dos consumidores do mate. Empresários argentinos atuaram na margem esquerda do rio Paraná, em terras que hoje pertencem ao Brasil, de onde extraíram volumosa quantidade de erva-mate na décadas finais do século XIX e no início do XX. Para o antropólogo Alberto Alcaraz, o imigrante Domingo Barthe foi um representante paradigmático dos empresários ervateiros argentinos, pois exerceu influência econômica e política, especialmente em Posadas, que se tornou um centro de comércio, de fluxo de pessoas, de contatos interétnicos e de contratação de mão de obra para trabalhar nas florestas da região no final do século XIX (Alcaraz 2013).

Também o argentino Julio Tomas Allica e a Compañía de Maderas del Alto Parana, ligada com a inglesa *The Alto Paraná Development Company Ltda.*, proprietária da Fazenda Britânia, atuavam na margem esquerda do rio Paraná, em território brasileiro, extraíndo erva-mate e madeiras de qualidade. Estas empresas, a Larangeira, Mendes e Cia. e grandes firmas argentinas como Nuñez y Gibaja, Martinez y Co., Juan B. Molla y Co., utilizavam o sistema de *obrages*. O proprietário ou concessionário das terras e organizador da *obrage*, o obragero, contratava trabalhadores assalariados, os *mensus*, geralmente descendentes dos Guaraní que viviam no Paraguai ou norte da Argentina, para fazer a extração e o transporte de bens florestais. A falta de outros trabalhos remunerados, a antecipação do pagamento, o isolamento pela distância, o baixo salário, as dívidas anotadas que aumentavam a cada compra no *barracón* do obragero e a coação pela violência física mantinham os vínculos de subordinação e dificultavam a saída dos *mensus* daquela situação de exploração e de trabalho penoso. As *obrages* eram, por outro lado, um lucrativo sistema que contou com uma infraestrutura de portos, transporte e comunicação própria de cada empresa (Wachowicz 1987).

A erva-mate extraída de Misiones não supria a necessidade argentina, que também comprava o produto do Paraguai e do Brasil. A documentação interpretada nos permite compreender os fluxos do mate. Luiz Perié, francês instalado no interior da província do Rio Grande do Sul, no Brasil, dedicou-se à extração da erva-mate, tinha um engenho de beneficiamento e vendia o produto para o mercado regional. Faleceu em 1851 e parte das listas de dívidas e créditos contidas no seu inventário *post mortem* foi especificada em arrobas de erva-mate “moída e ensurrada”. O inventário revela também que Perié manteve ligações comerciais com pessoas de Buenos Aires, Corrientes, Santo Tomé, Santa Fé e Loreto, na Argentina; Montevideú, no Uruguai e Encarnación, no Paraguai. O ator dramático Pepe Montero, de Buenos Aires, devia a Perié a quantia de 8\$200 réis, valor irrisório se comparado à dívida de outro argentino, que chegou a 1:510\$360 réis (Inventário 1851).

A partir da segunda metade do século XIX, como a imigração de descendentes de europeus para a Argentina e a instalação de projetos de colonização, novos atores sociais interagiram com a erva-mate. Em 1876, se definiu a lei para a imigração de estrangeiros, para o estabelecimento de colônias e para a atuação das empresas privadas de colonização. Embora o conceito de imigrante presente na lei fosse amplo e incluísse trabalhadores de qualquer ofício, ela oferecia vantagens àqueles que se dedicavam à agricultura (Argentina 1883). As colônias oficiais de Candelaria e Santa Ana, as primeiras, foram demarcadas na década de 1880. Conforme o engenheiro Rafael Hernandez, havia erva-mate em seus territórios, mas não “em quantidade capaz de ser uma exploração, ainda que serão muito úteis ao proprietário e podem ser cultivadas com grande êxito. No interior de Misiones os ervais constituem uma riqueza pública suscetível de grande melhoramento [...]” (Hernandez 1887).



De acordo com María Cecilia Gallero, importante pesquisadora do tema, “El primer antecedente de la movilidad geográfica del grupo alemán-brasileño que llegó a Misiones, se situó a fines del siglo XIX em forma de un flujo espontáneo numéricamente reducido”. Entretanto, a emigração organizada desses colonos “comenzó a ser fluída cuando una compañía privada los atrajo hacia la Colonia Puerto Rico (1919), colonia a la cual se destinaron los inmigrantes de confesión católica. Al año siguiente, se fundó la Colonia Montecarlo para los inmigrantes protestantes” (Gallero 2009, p. 104). A atuação de empresários colonizadores, como Culmey (Hewig & Knorr 1987), a migração de grupos de agricultores e os cultivos introduzidos construíram paisagens coloniais em Misiones.

Na década de 1920 foram fundadas em Misiones, junto à margem esquerda do rio Paraná, as colônias privadas Santo Pipó e Oro Verde. Nelas se estabeleceram imigrantes suíços que se dedicaram ao cultivo de erva-mate. Nas narrativas e memórias de famílias imigrantes, compiladas por Gallero, prevaleceu o discurso que enfatiza a floresta “virgem” e inóspita, o mar verde e impenetrável que elas encontraram. Johann Christian Theler migrou para a Argentina em 1893 e narrou sua posterior dedicação à criação de gado e ao cultivo de doze mil plantas de erva-mate. O imigrante François Machon registrou a existência, na Santo Pipó de 1925, de 300 hectares de ervais cultivados. A transcrição das cartas de Eugenio Lagier, enviadas de Misiones para a Europa na década de 1920, revela os cuidados intensos exigidos pelo cultivo da *Ilex* e a expectativa de ganhos econômicos. Além do mate, os colonos suíços cultivaram comercialmente milho, tabaco e tungue (*Aleurites fordii*). De acordo com as memórias de Bruno M. Urfer, alguns colonos vendiam lenha para os barcos a vapor que transportavam erva-mate pelo rio Paraná (Gallero 2008).

Enquanto as colônias argentinas foram instaladas na margem esquerda do rio Paraná, na outra margem, correspondente ao Paraguai, também foram criadas colônias para imigrantes, com destaque para a colônia Hohenau, onde houve o cultivo de erva-mate. No interior do Paraguai, em Nueva Germania, houve outra experiência que combinou colonização por imigrantes europeus e atividade ervateira (Gerhardt 2020). Um material informativo e publicitário da Compañía Eldorado, escrito em alemão, apresentou a erva-mate como um cultivo que produz resultados a partir do terceiro ano após o plantio, com aumento de produtividade nos anos seguintes. Cálculos simples foram apresentados como exemplo e mostraram a possibilidade de obter compensadores ganhos (Compañía 1925). O mesmo material informou que o erval recém plantado tolerava culturas consorciadas, como a mandioca, a abóbora e o melão, oferecendo proteção às jovens mudas da *Ilex*. Sobre as florestas de Misiones, a publicação se concentrou em quatro temas principais: a necessidade de desmatar e limpar uma área inicial para agricultura, o aproveitamento de madeiras para a construção ou para a venda, a possibilidade de extrair erva-mate nativa e a variedade de madeiras de boa qualidade disponíveis, inclusive a araucária (Compañía 1925). Os colonos que optaram pelo cultivo do mate estavam, entretanto, sujeitos ao mercado controlado por grandes empresários argentinos.

Por outro lado, conforme Gallero, para Misiones também vieram

jóvenes ingenieros agrónomos e inmigrantes, desde ahora “yerbateros” y “plantadores”, vinieron dispuestos a lograr plantaciones modelo a gran escala. Fueron denominados “inmigrantes suizos de élite”, pues en su mayoría eran de origen urbanos y poseían capital propio para invertir. En algunos casos actuaron como representantes de firmas suizas que realizaban inversiones, como fue el caso de Víctor Schöpfer que representaba a Lecoultre y Cía. – una importante fábrica de relojes; en otros representaban a amigos o familiares integrantes de bancos suizos que enviaban capitales (2019, p. 236).

A história vivida nas décadas seguintes foi a da expansão dos projetos de colonização e da introdução dos ervais cultivados no norte da província. Para o governador de Misiones em 1945, Eduardo N. Otaño, aquele era um

bonito pedaço de terra argentina, onde homens nativos, unidos aos que chegaram confiantes de todos os rincões do planeta [...] abriram picadas na selva virgem, cortaram os cipós e afugentaram as feras, que hoje são tênues lembranças da lenda; curvaram os gigantes seculares das florestas e trabalharam com afincio e fé a terra



que nada lhes negou. Formaram extensas plantações de erva-mate, tungue, citros; cultivaram o tabaco, a juta, o rami, a mandioca e cem produtos mais [...]; lutaram e triunfaram. Misiones, “eldorado” maravilhoso [...], convertido hoje em oásis de trabalho, de paz e felicidade [...] (Astro 1945).

O discurso idealizado do governador reiterou o triunfo da civilização, marcada pela agricultura, sobre o selvagem, caracterizado pela presença da floresta e das feras. No mesmo álbum publicitário que estampou aquele discurso, foram impressas diversas imagens, nas quais a erva-mate cultivada aparece como sinal de progresso, enquanto a erva-mate nativa estava ligada à selva que precisava ser vencida pelo trabalho humano.

PLANTACIONES YERBA MATE

Colonia y Yerbales CARAGUATAY (Misiones)
de los Dres. Nicolás A. Avellaneda y Alfredo Echague

Tierras de monte. Comprobadas como las mejores para la plantación de yerba y demás cultivos sub-tropicales. Compárese el rendimiento con el de las tierras de campo.

Se venden lotes de 25 hectáreas a \$ 65. la hectárea a plazos.
Mayores extensiones convencional.

Títulos definitivos al pagarse la primera cuota.

INVITAMOS INSPECCION

Para folletos, planos y datos dirijase al Ingeniero:

CARLOS H. BENSON: Maipú 71 - BUENOS AIRES
o Puerto CARAGUATAY (Misiones)

Figura 3 – Anúncio. Fonte: Adolfo C. Furnus. La yerba-mate en Misiones. Posadas: 1930.

O anúncio de terras representado na Figura 3, aqui interpretado como fonte de pesquisa, associou claramente a qualidade das terras de Misiones, a colonização em pequenos lotes e o cultivo de erva-mate. O fez como estratégia para atrair possíveis compradores de terras interessados em cultivar um produto com ampla aceitação no mercado platino.

No Brasil, a história foi semelhante, pois nos estados meridionais diversos imigrantes de origem europeia, vinculados a projetos de colonização, se dedicaram à extração e produção de erva-mate nos ervais nativos e, a seguir, fizeram cultivos de *Ilex paraguariensis* expostos ao sol visando abastecer o mercado regional. Esses colonos ervateiros aprenderam com a população local, denominada cabocla, as técnicas de extração e de beneficiamento da erva-mate. Aprenderam, igualmente, a consumir o mate como bebida cotidiana (Gerhardt 2011).

A partir da década de 1930, com a intensificação do cultivo da *Ilex*, foram formadas cooperativas, como a de Productores de Yerba Mate de Santo Pipó (Gallero 2019, p. 236) e várias outras estudadas por Lisandro Rodríguez (2018) tendo como recorte o período de 1936 a 2002. A criação, em 1935, da Comisión Reguladora de la Yerba Mate e, em 1936, do Mercado Consignatario marcam o processo de regulação do setor ervateiro pelo Estado. Ainda para Rodríguez (2018), a erva-mate e o cooperativismo são elementos muito presentes na paisagem agrária do nordeste da província de Corrientes e de Misiones.



4. Conservação dos Ervais Nativos

Os “excessos horrorosos cometidos pelos beneficiadores de erva” e a regulamentação governamental dos ervais existiram na Argentina, pelo menos, desde 1810, sob o governo de Manuel Belgrano (Argentina 1989, p. 181). Na década de 1830, a província de Corrientes incorporou o território de Misiones e criou uma lei específica para regular o acesso aos ervais, cobrar impostos e promover a sua conservação, na qual se proibiu o corte raso (derrubada) das árvores de erva-mate (Corrientes 1832). Em 1864, o governo correntino promulgou um regulamento cujo foco principal era o controle do acesso dos extrativistas aos ervais. A opção pela conservação estava clara na definição de um período anual para a coleta, na exigência do intervalo de quatro anos entre um corte e outro e na proibição de remover o broto principal do centro da árvore, considerado essencial para a recuperação da planta (Corrientes 1864). A província de Corrientes também legislou sobre o mate em 1876 e repetiu a maior parte das regras escritas nos documentos anteriores. Manteve a proibição de cortar o galho principal da árvore, chamado de *banderola* e conservou as restrições ao corte raso, ao cultivo agrícola e às habitações permanentes no interior dos ervais. As punições previstas para os infratores eram a multa, o confisco da erva produzida e o impedimento de entrar nos ervais por até três anos. Esse regulamento previa, ainda, que parte da multa imposta fosse paga ao delator (Corrientes 1989).

Alejo Peyret, em 1881, considerou as medidas legais insuficientes e argumentou: “Como pode um funcionário, que não tem mais de cinquenta patacões de soldo, vigiar a extensíssima selva de Misiones?” Para Carlos Bossetti, que era o comissário geral encarregado da fiscalização naquele período, as autoridades pouco conheciam sobre a região ervateira. Ele defendeu a privatização ou o arrendamento como formas de conservar os ervais argentinos. Os de Payi, no nordeste de Misiones e tomados aqui como um exemplo extremo, estavam quase destruídos na avaliação de Peyret (1881, p. 83).

Na década de 1880, Misiones se tornou um território da Federação Argentina e uma nova legislação sobre os ervais foi escrita. Em geral, ela repetiu o regramento anterior, mas novos aspectos foram incluídos, tais como a proibição da venda de terras com ervais e, em 1894, a divisão do conjunto de ervais em quatro seções, nas quais se faria a rotação, ou seja, a cada ano somente uma das seções estava liberada para a exploração, visando permitir a recuperação vegetal nas demais seções (Argentina 1894a; 1894b; 1882). A legislação sobre os ervais argentinos continuou em constante reelaboração: em 1896 foi publicado um amplo regulamento nacional e em 1903 criou-se uma Lei de Terras que permitiu a venda e o arrendamento de ervais e se decretou um novo regulamento para a exploração de bosques e ervais. Um decreto de 1906 considerou os ervais sujeitos a mesma proteção das áreas florestais e em 1907 outro regulamento redefiniu as regras para a concessão de ervais a particulares, abertura de picadas e instalação de roçados (Argentina 1896; 1903; 1989).

Neste sentido, concordamos com Gallero, para quem

El cultivo de yerba mate no fue solo un cambio en el paisaje, sino que significó una alteración en el orden económico y social de la provincia de Misiones. Esta alteración se vio favorecida por la colonización privada que propició la llegada de inmigrantes que vinieron con la idea de ser “yerbateros” (2019, p. 249).

O botânico e micólogo Carlos Spegazzini constatou, no início da década de 1910, que a maioria dos ervais da província de Misiones estava destruída ou estragada. A exceção era o erval de San Antonio, cuja exploração iniciou há pouco tempo. Os danos eram causados pela população pobre e sem trabalho e pelas grandes empresas ervateiras. Os pobres “não tendo outro meio de subsistência, se dirigiam às florestas e colhiam algumas arrobas de erva que vendiam aos comerciantes de suas respectiva colônias ou povoados” e o faziam a preços irrisórios (1914, p. 77; 86). As empresas exigiam dos trabalhadores tarefeiros a extração de um mínimo de seis arrobas diárias de folhas e ramos da *Ilex*. Para aumentar a produtividade do trabalho, poucos eram os cuidados com a árvore. Somente em lugares muito visíveis, como ao lado de uma picada principal, os



trabalhadores das empresas mantinham a banderola. Para Spegazzini (1914, p. 91-92), os ervais nativos de Misiones estavam condenados a desaparecer.

O projeto da Ley de Bosques y Yerbales, enviada ao Congresso Nacional Argentino em 1915, se desejou “resolver de modo definitivo as múltiplas e complexas questões relacionadas com a propriedade selvícola”, integrando exploração, conservação, replantio, fiscalização e administração de florestas pertencentes ao Estado. No alcance da lei estavam os ervais e também as concentrações do quebracho colorado (*Schinopsis balansae* Engl.), localizadas no centro-norte argentino, importantes fontes de tanino para o curtume, bem como as áreas de ocorrência de madeiras de boa qualidade. O discurso que acompanhou o projeto de lei denominou as florestas de “riqueza pública” e argumentou que os ecos da maior prosperidade do país “chegam às florestas distantes, que pouco a pouco deixam de ser exclusivamente guarida das tribos selvagens e dos animais ferozes, para brindar seus tesouros ao homem de labor que se dirige para trabalhar neles, sob o amparo das leis liberais da República”. O projeto de lei continha um levantamento das florestas do Estado, nas quais a livre exploração foi proibida. Por outro lado, ele definiu as regras para a concessão de áreas que variavam 100 a 40.000 hectares para empresas privadas (Argentina, 1915).

No mesmo projeto de lei havia uma seção exclusiva para tratar da extração ervateira, na qual o erval foi definido na perspectiva da exploração econômica como: “todo conjunto de árvores de erva-mate [...] que permita a formação de um acampamento ervateiro, podendo ser o mínimo até três plantas por hectare, que chegaram ao seu completo desenvolvimento”. Os artigos seguintes situaram as zonas ervateiras (Figura 4), normatizaram o beneficiamento, regraram as concessões e visaram a conservação dos ervais. Nota-se um afrouxamento no texto legal: o Artigo 46 permitiu que o Ministério da Agricultura, após avaliação, ampliasse até setembro o período de corte. O mesmo ministério podia permitir a coleta das folhas de plantas jovens em ervais densos. Os roçados e a pecuária de subsistência próximos à floresta continuaram permitidos, mas não se podia usar o fogo para a limpeza do terreno da clareira. O Artigo 52, por outro lado, classificou como “cortada sem autorização” a árvore de *Ilex* que fosse queimada em sua base ou sofresse algum dano. A erva-mate voltou a aparecer com destaque na parte da Lei que especificou as multas aos infratores (Argentina 1915, p. 20; 57-86).

Para Ernesto Daumas (1930, p. 6), a exploração desordenada e intensiva dos ervais nativos argentinos levou ao desaparecimento da erva-mate nacional do mercado local no fim do século XIX. A conservação dos ervais não foi assegurada pela legislação criada no início do século XX. A partir de então, a imigração, a colonização, o cultivo da erva-mate e a formação de ervais “artificiais” conferiu uma nova lógica à atividade. Nas décadas seguintes, conforme Adrián Zarrilli, na

provincia de Misiones, la historia de esta práctica de extractiva dejó remanentes de selva intacta sólo en aquellos lugares de muy complejo acceso. A partir de algunas estimaciones, entre 1960 y 1985 se talaron 500.000 hectáreas de bosques nativos misioneros. En los años de la década del 50, se instalaron en la región, industrias vinculadas a la fabricación de pasta de celulosa, lo que llevó a un proceso de implantación sostenida de especies exóticas, como eucalipto y pino, llevadas adelante en tierras de aptitud forestal o antiguamente cubiertas por bosque nativo (2016, p. 158).

Conforme os dados do Instituto Nacional de la Yerba Mate (2022), as províncias de Corrientes e Misiones ainda são as principais produtoras de erva-mate para o mercado interno argentino. Contudo, na atualidade, o mate se tornou um produto agrícola, sendo que a extração em ervais nativos tem menor importância na atividade ervateira dessas duas províncias.

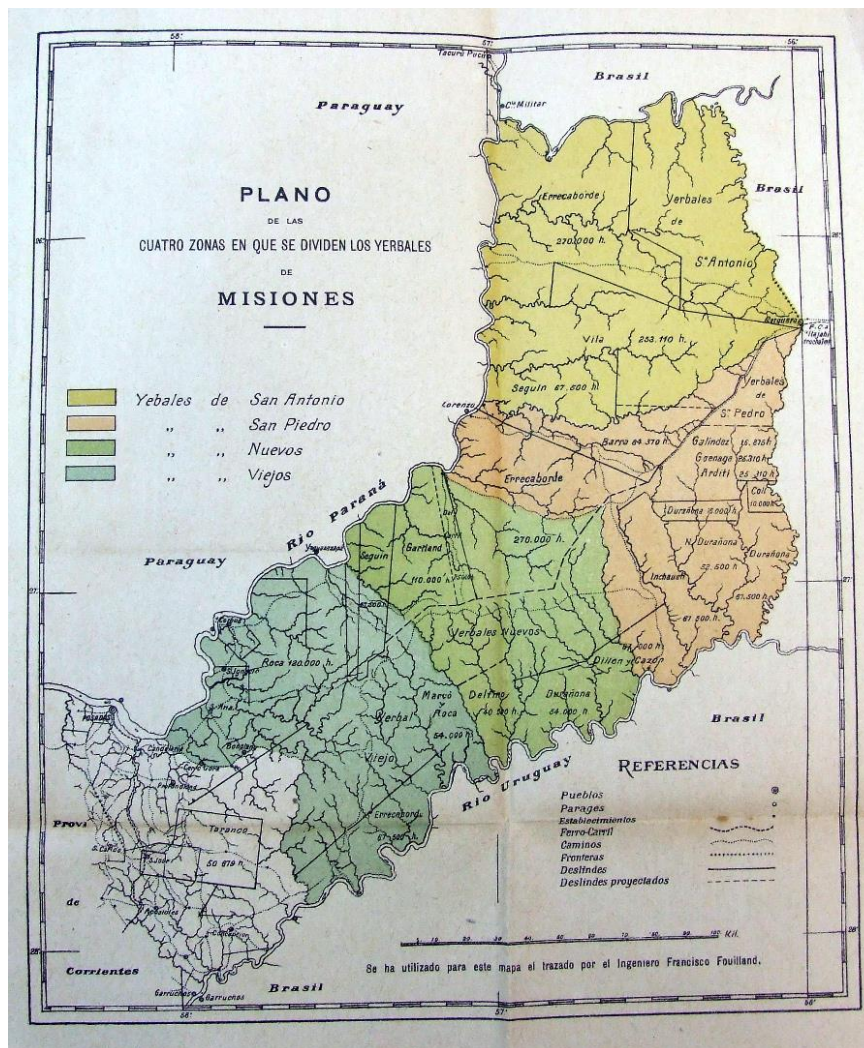


Figura 4. Plano de divisão dos ervais. Fonte: Argentina, Ley de bosques y yerbales: proyecto, 1915 (Buenos Aires: Talleres Gráficos del Ministerio de Agricultura de la Nación, 1915).

5. Conclusão

Embora este não seja um estudo comparativo, é possível concluir que os processos históricos desenvolvidos no norte da Argentina e no sul do Brasil têm importantes semelhanças. Na Argentina, assim como no país vizinho, os ervais e as florestas nativas foram intensamente exploradas e danificadas no período estudado. A legislação ervateira e as ações do Estado foram insuficientes para assegurar a conservação e exploração contínua em longo prazo. Um conjunto de complexas mudanças políticas, econômicas e sociais, que ocorreram na segunda metade do século XIX e início do XX, inviabilizaram tanto o modo de vida das populações tradicionais, que viviam do extrativismo do mate, quanto a existência dos ervais nativos. É fundamental pensar uma região ervateira, onde as condições ambientais, a ocorrência endêmica da *Ilex paraguariensis* e a interação dos grupos humanos com a floresta se sobrepõem aos limites nacionais.

Concordamos com Nodari (2015, p. 316), para quem um futuro estudo de História Ambiental comparada destes territórios “provavelmente mostraria que o modelo de ocupação adotado pelos dois países foi idêntico e, em grande parte, responsável pelos problemas socioeconômicos e ambientais existentes” na atualidade. Contudo, as experiências históricas nos dois lados da fronteira também guardam diferenças. Uma delas é o melhor estado de conservação da Selva Misionera, na província de Misiones, quando comparada às florestas remanescentes do lado brasileiro, atual objeto de estudo da doutoranda Débora Nunes de Sá (2021).



A colonização em Misiones acelerou o desmatamento e, como ele, houve a redução das áreas florestais onde a erva-mate ocorria e a perda de biodiversidade. Para suprir os mercados consumidores e gerar renda aos ervateiros, o monocultivo da erva-mate exposta ao sol passou a ser o modelo produtivo predominante durante o século XX. Os ambientes florestais de Misiones, que chegaram ao século XIX com alterações que não inviabilizavam sua exploração e continuidade, foram rapidamente transformados a partir do final daquele século por diversas atividades econômicas.

Agradecimentos

Este artigo deriva, principalmente, da tese de doutorado *História Ambiental da erva-mate*, defendida em 2013 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil, redigida sob a orientação da Dra. Eunice Sueli Nodari, coorientação do Dr. João Klug e com apoio, na forma de bolsa de estudos, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O artigo resulta, ainda, de pesquisas posteriores do autor.

Referências

- Alcaraz A 2013. *Domingo Barthe: la gestación de una “elite” propietaria de tierras en el Territorio Nacional de Misiones entre 1870-1920 y la explotación yerbatera-maderera en el Alto Paraná*. Tese de Doutorado, Universidad Nacional de Misiones, Posadas.
- Argentina 1810. Reglamento para la administracion de los pueblos de Misiones, transcrito por Maria Angelica Amable y Liliana Mirta Rojas. 1989. *Historia de la yerba mate en Misiones*. Montoya, Posadas. Biblioteca Nacional da Argentina (BNAR).
- Argentina 1882. Ley de venta de tierras y division de los territorios nacionales.
- Argentina 1883. Ley de inmigracion y colonizacion de la República Argentina de 1876. La Universidad, Buenos Aires. BNAR.
- Argentina 1894. Decreto prohibiendo la venta de terrenos de yerbales, poniendo en vigencia el reglamento de 1876 y pasando al Ministerio de Hacienda el conocimiento de los asuntos relativos á yerbales.
- Argentina 1894. Decreto reglamentando la elaboración (sic) de los yerbales y creando su inspección.
- Argentina 1896. Decreto de 27 de marzo. BNAR.
- Argentina 1903. Decreto de 18 de diciembre. BNAR.
- Argentina 1903. Ley n. 4167 de 8 de enero, Ley de Tierras. BNAR.
- Argentina 1906. Decreto de 1906. BNAR.
- Argentina 1907. Reglamento de 6 de setiembre, transcrito por Maria Angelica Amable y Liliana Mirta Rojas. 1989. *Historia de la yerba mate en Misiones*. Montoya, Posadas. BNAR.
- Argentina 1915. *Ley de bosques y yerbales: proyecto*. Talles Gráficos del Ministério de Agricultura de la Nación, Buenos Aires. BNAR.
- Astro 1945. *Misiones: oro verde*. Guillermo Kraft, Buenos Aires.
- Compañía Eldorado 1925. *Die Eldorado-Kolonien: Eldorado, Puerto Rico und Monte Carlo in dem argentinischen Territoruim - Misiones*. Buenos Aires.
- Corrientes 1832. Ley de 29 de octubre.
- Corrientes 1864. Reglamento para los yerbales de las Misiones de 7 de enero.
- Corrientes 1876. Reglamento de 20 de noviembre, transcrito por Maria Angelica Amable y Liliana Mirta Rojas. *Historia de la yerba mate en Misiones*. Montoya, Posadas.
- Daumas E 1930. *El problema de la yerba mate*. Asociación Argentina de Plantadores de Yerba Mate; Compañía Impresora Argentina, Buenos Aires.



- Gallero MC 2008. *El llamado del oro verde: memorias de inmigrantes suizos en Misiones*. Araucaria, Florida; Consulado de Suiza, Misiones.
- Gallero MC 2009. *Con la patria a cuestas: la inmigración alemana*. Araucaria Editora, Buenos Aires; Instituto de Investigaciones Geohistóricas, Conicet, Resistencia.
- Gallero MC 2019. Cambios y permanencias en la producción de yerba mate: Un estudio desde la historia ambiental en Misiones (Argentina). *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC)* Revista de la Solcha. 9(1): 223–257. Available from: <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2019v9i1.p223-257>
- Gerhardt M 2011. Colonos ervateiros: história ambiental e imigração no Rio Grande do Sul. *Esboços* 18(agosto): 73-95. Available from: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2011v18n25p73>
- Gerhardt M 2013. *História ambiental da erva-mate*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gerhardt M 2020. Colonização, natureza e erva-mate no Paraguai: 1880-1920. In JA Drummond, JL Andrade, SD e Silva y VS Braz. *História Ambiental: natureza, sociedade, fronteiras*. Garamond, Rio de Janeiro, p. 353-376.
- Hernandez R 1887. *Cartas misioneras: reseña histórica, científica y descriptiva de las Misiones argentinas*. Luz del Alma, Buenos Aires. BNAR.
- Hewig TC, Knorr IK 1987. *A filha do pioneiro*. Prefeitura Municipal de São Carlos, São Carlos.
- Instituto Nacional de la Yerba Mate 2022. *Informe del Sector Yerbatero*. INYM, Posadas. Available from: <https://inym.org.ar/>
- Inventário post-mortem de Luiz Perié 1851. Cartório de órfãos e ausentes de Cruz Alta.
- Misiones 1894. Reglamentando de yerbales. In: *La tierra pública e su colonización*. Imprenta del Congreso, Buenos Aires. BNAR.
- Nodari ES 2015. Florestas em territórios de fronteira: Sul do Brasil e Misiones na Argentina. *Revista de História Regional* 20 (junho): 300-316. Available from: <http://dx.doi.org/10.5212/Rev.Hist.Reg.v.20i2.0005>
- Peyret A 1881. *Cartas sobre Misiones*. Imprenta de La Tribuna Nacional, Buenos Aires. Archivo Administrativo Histórico Municipal de Posadas (AAHMP).
- Rodríguez L 2018. *Yerba mate y cooperativismo en la Argentina: sujetos sociales y acción colectiva en le NEA (1936-2002)*. Universidad Nacional de Quilmes, Bernal.
- Sá, DN 2021. Área de conservação da biodiversidade na fronteira Argentina e Brasil: o Parque Provincial El Piñalito. *Caderno de resumos do 31º Simpósio Nacional de História: história, verdade e tecnologia*. ANPUH, São Paulo.
- Spegazzini C 1914. *Al traves de Misiones*. Talleres de Joaquin Sese y Cia, La Plata.
- Wachowicz RC 1987. *Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense*. Vicentina, Curitiba.
- Zarrilli AG 2016. Un nuevo paradigma en la producción forestal Argentina: De la explotación y crisis del bosque nativo a la implantación masiva (1960-2000). *Estudios Rurales* 6: 154-183.